

# Cidade Eclética vence barreira religiosa

9 ABR 1989

9 APR 1989  
ADRIANA VASCONCELOS

As vespertas do século XXI, a pouco menos de 50 quilômetros de Brasília, uma pequena comunidade — com cerca de 700 pessoas — vive hoje, única e exclusivamente, em função de uma organização religiosa, denominada Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, com o objetivo básico de servir ao próximo e formar, na medida do possível, homens de bem. Fundada oficialmente no Rio de Janeiro, em março de 1947, pelo líder espiritual Yokaanam Oceano Sá, um alagoano que morreu há quatro anos, a organização transferiu-se para o Plano Central no final da década de 50, seguindo ordens divinas. Mas precisa-

mente em novembro de 1956, uma caravana de peregrinos chegou ao Estado de Goiás para construir, próximo ao Município de Santo Antônio do Descoberto, a chamada Cidade Eclética. Levantar, em meio ao cerrado, uma cidade, não foi nada fácil, mas hoje a comunidade já pode contar com toda infra-estrutura básica, como luz e água. Dentro do espírito de fraternidade e doação ao próximo, é mantida gratuitamente pelos membros da organização uma escola de 1º grau — que atende a 372 crianças da cidade e da região do Entorno — e também um hospital pronto-socorro, que recebe, por mês, mais de 10 mil pacientes em busca de assistência médica e espiritual.

**A** vida na Cidade Eclética é marcada pela fé e a certeza da construção de uma sociedade mais fraterna e feliz, que se deixa transparecer nos fatos simples e rotineiros. A começar pela hora das refeições. Toda a comida é preparada numa cozinha comunitária por seis integrantes da organização Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.

A divisão de trabalhos dentro da cidade demonstra a busca do bem da comunidade. Os chamados obreiros internos, que se dedicam integralmente à organização, não recebem qualquer tipo de renda. Em compensação, têm casa para morar, comida e roupa de graça. Irmão Saul, que há 29 anos atua como obreiro, ressalta que o importante em toda essa troca é poder servir ao próximo.

Existem aqueles que trabalham na lavoura, na granja, no pasto ou os que

simplesmente apresentam a comunidade aos visitantes. A disponibilidade e a boa vontade imprimem o ritmo das ações diárias. Irmã Djanira, cuidando do alojamento masculino de alunos internos, é chamada de mãe pela maioria. No colo, traz sempre consigo o menor do grupo.

Apesar da simplicidade, os alojamentos são exemplos concretos de um mundo harmônico e bem cuidado. No quarto das meninas, em cada cama está uma boneca, mesmo que esta já esteja meio velha e estragada pelo tempo. Irmão Cristo está sempre preocupado com a arrumação das roupas dos menores. "Fecha direito o vestido da Lorna", diz, ao constatar algo errado.

## CENTRO

No Centro Comunitário, local de reunião dos moradores da cidade, onde está instalada uma estação de

radioamador, funciona também a redação do Jornal *O Nossa*, publicado mensalmente. Encarregado pelos textos, está o irmão Paulo, que há dois anos desenvolve este trabalho. Chegando a hora da impressão, irmão Saul entra em ação, pondo para funcionar uma impressora de 1928, com mecânica de linotipo.

Na semana passada, a organização recebeu a colaboração de Edgar Pedro Pinto, que veio de Goiânia para fazer a manutenção da máquina. Ele, inclusive, trabalhou 15 anos na Agência de Notícias dos Diários Associados. Orgulhoso, o técnico contou: "De impressoras eu entendo bem".

A cidade só chega a ficar movimentada nos dias de sessões religiosas, com o vaivém de pessoas vestidas de branco em função dos cultos.

FOTOS: VALDIR MESSIAS



A escola, mantida com esforços da comunidade, atende às crianças da cidade e também de áreas vizinhas



Pessoas de todas as idades buscam assistência no hospital da comunidade